

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

O RELIGIOSO NA CRISTANDADE: SUA INFLUENCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Bruno Schwabenland Ramos (UMEF Deputado Paulo Sérgio Borges)

Resumo:

A terminologia do fundamentalismo religioso fora feita no século passado a fim de descrever a interpretação radical dos Livros Sagrados. Para entender como ocorreu tal fenômeno far-se-á necessária a coleta de dados históricos para construir a fundamentação teórica a respeito da temática pesquisada. A visão da divindade tem sido deturpada por visões etnocêntricas que estabelecem na superioridade da religião “dita sendo civilizada”, contra as outras que não se enquadram com os conceitos ocidentais, daí a necessidade de entender tais fenômenos para compreendermos a questão da intolerância em nossos dias.

Palavra-Chave: Fundamentalismo religioso; histórica cultural; relações sociais e poder

Introdução

A terminologia fundamentalismo religioso fora feita no século passado para descrever a interpretação radical ou extremista dos Livros Sagrados, algo que tem sido objeto de estudo com o advento do Ensino Religioso numa ótica acadêmica, a fim de investigar este fenômeno tão destacado na mídia internacional.

A visão etnocêntrica tenta normatizar uma religião por meio da sua crença de fé, isto é, aquele que não segue uma ótica ocidentalizada da crença do transcendental e recebe vários estereótipos; por exemplo, é focalizada de uma forma preconceituosa a

religião islâmica, onde se associa todos os adeptos como fomentadores do terrorismo internacional enxergando-os como sujeitos de alta periculosidade.

Todavia, a postura fundamentalista tem raízes históricas onde a intolerância tem sido responsável por inúmeras guerras e casos de violência, pois o sujeito agride o próximo em nome da sua divindade. Pode se dizer que o fundamentalismo religioso está presente em todas as crenças e não apenas no islamismo.

Esta pesquisa tem como objetivo principal analisar a conceituação do fundamentalismo religioso para entender a sua formação histórica cultural, bem como os rebatimentos desse fenômeno produzido no sujeito dentro da sala de aula. Por meio dos questionamentos apresentados, nosso objetivo principal é conhecer e analisar as relações sociais do sujeito que é moldada por ideologia religiosa fundamentalista, por isso visando à fundamentação teórica, para produzira investigação numa abordagem educacional.

O Método a ser utilizado na fase de Investigação será a análise bibliográfica, porque, para construir a fundamentação teórico-metodológica da pesquisa, tivemos a necessidade de investigar as seguintes sessões: conceituação sobre o fundamentalismo religioso na cristandade, a associação da religião com as relações de poder e outros aspectos teóricos.

Os resultados obtidos foram por meio das observações de aulas ministradas em turmas do 6º ano de uma escola municipal, a fim de verificar a existência do fundamentalismo religioso e a forma em que se processa nos ambientes escolares, entretanto, houve resistência em receber informações sobre a religiosidade de matriz africana.

Fundamentalismo Religioso: definição

A terminologia fundamentalismo religioso fora construído no século passado para descrever uma interpretação literal ou extremista dos Livros Sagrados, iniciou-se em solo americano e tal conceituação tem sido objeto de estudos do Ensino Religioso Escolar no quais cientistas que investigam este fenômeno atualmente que ocupa os noticiários das

mídias internacionais.

Segundo a ótica etnocêntrica no qual define padrões de normalização para os sujeitos, no qual são definidas as conceituações de sistema religioso certo (o único representante de Deus), sendo aquele que guarda a “suposta verdade”, entretanto neste jogo de poder, senão houver à visão ocidentalizada, que propaga a ideologia de um transcendental civilizado, acaba recebe estereótipos negativos: no âmbito internacional o islâmico é associado pejorativamente como inimigos da democracia e, portanto propenso geneticamente a violência como atos de terrorismo.

Todavia a postura fundamentalista está em evidencia nas três religiões Abraâmicas, pois em diferentes eras históricas ocuparam espaços de poder, e por meio destas raízes históricas em cenários diversificados, houve inúmeras guerras para propagar a ideologia de um Deus uno, com isso um direito sagrado para combater os heréticos. Por isso pode-se dizer que a postura fundamentalista está presente em todas as religiões e não apenas no islamismo.

É um objeto de estudo das Ciências da religião que investiga a produção antropológica na criação de uma deidade e um grupo com a privatização da verdade, combate os infiéis seja por meio de ideologias ou da força física, estes tais são inimigos dos debates e entendimentos e tendo como suposta missão em combater os infiéis. Esta temática tem uma natureza muito ampla, pois ao tratar destes fenômenos ao menos deveria estudar as principais manifestações religiosas, mas para nortear o tema, fora definido o estudo sobre o fundamentalismo na cristandade.

Na época da escravatura no Brasil período onde havia uma religião oficial (Catolicismo Português), as supostas superstições propagadas pelos africanos foram duramente combatidas, algo que foi evidente até as primeiras décadas do século XX com a perseguição estatal, entretanto, nas relações sociais carrega o resquício deste passado escravocrata, no qual em lados opostos: a religião que defende a “Sã Doutrina” e a outra ligada supostamente à prática da maldade e da adoração ao diabo. Esta postura está presente em diferentes ramificações da cristandade. Segundo Zilles:

Termo fundamentalismo, no campo religioso é recente, mas a postura fundamentalista é antiga. Durante a Primeira Guerra Mundial, surgiu uma corrente teológica de origem protestante, que

admitia apenas o sentido literal das Escrituras, opondo-se a toda interpretação histórico-crítica e identificando-se com o conservadorismo. Essa corrente passou a ser chamada fundamentalista. Dessa maneira o termo fundamentalismo, no campo religioso, passou a ser associado a ortodoxo ou conservador. Essa tendência marcou inicialmente certas denominações protestantes. O movimento não é unitário, mas atinge certos setores que pretendem defender e conservar os elementos "fundamentais" da fé cristã. Por isso o fundamentalismo encontra-se dentro das mais diversas denominações. (ZILLES, 2004 p. 177)

O contexto histórico do fundamentalismo religioso surgido em 1910 nos Estados Unidos era um movimento de Contra-Reforma propagada pela Igreja, contra os conhecimentos advindos da modernidade que propunha a morte de Deus, marcando embates entre diferentes correntes filosóficas: o antropocentrismo que representa a vitória da razão sob o misticismo que supostamente era propagada pelos sistemas religiosos e o teocentrismo, pois toda a verdade emana de um transcendental. Na sociedade americana a bíblia ocupava padrão que norteava aquela cultura, fato que levou as discussões entre religiosos e a ciência para os tribunais, pois um professor de uma escola do Tennessee ensinara que o homem moderno se originou do macaco. A ortodoxia e o fundamentalismo cegam a capacidade do sujeito na abertura de diálogos e para a defesa irracional contra os heréticos e conforme Zilles:

O fundamentalismo originado nos Estados Unidos, em círculos protestantes, pregava, pois a interpretação literal da Bíblia em oposição as tendências modernistas. A polêmica entre fundamentalistas chegou ao auge, quando em 1925, um professor do Tennessee, J. T. Scopes foi processado (processo dos macacos), por ensinar teorias evolucionistas. Para defender a fé no criacionismo, numa fidelidade intransigente a interpretação literal da bíblia, os fundamentalistas fecham-se ao diálogo com novos problemas e, por outro lado, tomam a letra da Bíblia como a palavra pura de Deus. Com isso criam um chão fértil para fanatismos e radicalismos. [...]

O fundamentalismo americano, reagindo às tendências liberais e modernistas, entre 1910-1912, publicou uma obra em doze volumes sob o título de *The Fundamentals: A testimony of the Truth*, com a primeira edição de um milhão de exemplares. Assim obteve influência significativa. Contra a aceitação do pensamento científico na exegese bíblica, responsabilizado pela descristianização da vida, os fundamentalistas defendem a fé na inspiração verbal da Sagrada Escritura e a infabilidade de todas as suas afirmações, entre, outras coisas a concepção virginal de Maria. (ZILLES, 2004 p. 178)

Fazendo uma análise das principais tradições religiosas pode-se dizer que não há uma religião pura, mas sim um fruto de transformações antropológicas e culturais, por exemplo, a descrição da saga de heróis a figura de Hércules na mitologia grega, enquanto na bíblia um com poderes sobrenaturais tem Sansão que representa uma nova versão de um semideus. Também nas três principais religiões monoteístas com pontos similares em seus escritos sagrados, marcando um aperfeiçoamento das práticas religiosas.

Origens históricas do fundamentalismo na Europa

A cristandade passou a gozar de poder simbólico quando sofreu o processo de romanização, agregando crenças e filosofias mestiças, isto é o elemento mágico, com o crescimento ou mudanças em sua liturgia para agregar o novo público de fieis após a anistia dada pelo Império Romano passando como religião oficial. Na Europa Ocidental, sobretudo na Idade Medieval uma reedição da inimizade entre Ismael (representado cultura arabizada) e Isaque (representando a tradição judaico-cristã), marcando em 1492 um embate violento entre muçulmanos e cristãos na Europa marcando um importante fato para entender-se a postura fundamentalista.

Também houve uma ruptura da Igreja Primitiva que não era adepta as riquezas materiais e como filosofia a busca de ajuntar tesouros em uma vida vindoura, com a observação dos mandamentos de um Poder Superior, portanto a Igreja deixara de ser apenas espiritual para se tornar um poder temporal (político e econômico), controlando todos os cenários da vida europeia, procurando domesticar a sociedade e incutir a ideologia dominante por meio da Santa Inquisição, que promovia a Era das Fogueiras que funcionava como ferramenta para manter o poder e o direito da apropriação das riquezas dos infiéis condenados por este tribunal. Segundo Armstrong:

A Europa e suas colônias americanas teriam de acomodar essas mudanças em diferentes arranjos políticos. Como todo período de grandes transformações sociais, esse também foi violento, Houve guerras e revoluções, extermínio e deslocamento, espoliação do campo e luta religiosa. Ao longo de trezentos anos europeus e americanos tiveram de empregar métodos cruéis para modernizar sua sociedade. Houve derramamento de sangue, perseguição, inquisição, massacre, exploração, escravização, desumanidade. Os mesmos fatos sangrentos ocorrem hoje em países do mundo em desenvolvimento que estão passando pelo doloroso processo de modernização. (ARMSTRONG 2001, p.59-60)

Há supostamente um Movimento de Contra Reforma propagada em todas as religiões que detém o poder simbólico, tendo à finalidade de resgate a pureza dos padrões doutrinários, por meio da privatização da verdade, tais homens se declaram como detentores da patente divina, fato que ocorre dentro da própria crença com a preconização da classificação do sujeito e estes sacerdotes são legitimados gozando de carisma e autoridade no cenário religioso. Tais sujeitos assumem perante a comunidade religiosa um

papel de formador de opinião, por ter passado por todos os processos da aquisição do poder por meio do conjunto litúrgico e da participação dos ritos, a fim de, manter o poder simbólico há uma imposição simbólica para a manutenção do status quo, por meio destas relações sociais a legitimidade de expurgar as raças indesejáveis de seus quadros de membros, isto é, promover uma dominação sobre o subalterno. De acordo com Carter:

Quando recebi o prêmio Nobel, em 2002, em Oslo, eu disse em meu discurso: “A presente era é um tempo de desafios e perturbações para aqueles cujas vidas são moldadas pela fé religiosa baseada no amor ao próximo.” Quando a Christianity Today me pediu para explicar a declaração, eu respondi: “Há uma forte tendência em direção ao fundamentalismo religioso em todas as religiões – incluindo as diversas correntes do cristianismo, bem como o hinduísmo, o judaísmo e o islamismo”. Os crentes estão cada vez mais inclinados a começar um processo decisório, declarando: ‘como estou alinhado com Deus, sou superior, minhas crenças devem prevalecer e quem discordar de mim estará essencialmente errado’ e, em seguida dirá ‘essencialmente inferior’. O último passo é dominá-lo ‘subumano’, e, então as suas vidas não são significantes. (CARTER, 2007, p.25)

A Igreja Medieval procurava manter o poder na sociedade por meio de um rígido controle, que ia desde a ideologia dominante que obrigava o indivíduo a observância das normas, pois ao desobedecer a clero era a mesma coisa que afrontasse o próprio Deus. Propagando a idéia de um transcendental punitivo e sanguinário contra os infiéis era a forma de manter a população sob controle. O controle do conhecimento passara pelo poder de supervisão, onde tais obras que não fossem baseadas em ensinamentos bíblicos fossem destruídas, pode-se supor que muitas obras que fossem contrárias e reflexivas da sociedade teocrática européia foram dizimadas.

Seguindo a postura da Igreja Católica o Movimento Reformista nas nasceu dividido porque desejava manter o poder coercitivo, pode-se supor que este movimento ocorrido na cristandade eram dissidentes insatisfeitos com a política católica. Os Reformadores adotaram atitudes fundamentalistas, por exemplo, Lutero destruiu várias literaturas consideradas de cunho herético e os dissidentes desta verdade seriam punidos com a morte segundo idéias de Calvino e Zwingli. De acordo com Armstrong:

Zwingli e Calvino também se sentiram impotentes, antes de chegar a uma visão religiosa que lhes deu a sensação de renascer. Também se convenceram de que nada podiam fazer por sua própria salvação nem para minorar as tribulações da existência humana. Enfatizaram a soberania absoluta de Deus, como faziam com frequência os fundamentalistas modernos. Assim como Lutero tiveram de recriar seu universo religioso, valendo-se, às vezes, de medidas extremas e até mesmo de violência para que sua religião pudesse falar às novas condições de um mundo discreto, mas irreversivelmente empenhado em transformações radicais.

Como homens de seu tempo, os reformadores refletiam as mudanças que estavam ocorrendo. Ao deixar a Igreja Católica Romana, fizeram uma das pioneiras declarações de independência que pontuariam a história ocidental a partir desse momento. Conforme veremos, o novo etos requeria autonomia e liberdade total, e era isso que os reformadores protestantes reivindicavam para os cristãos do mundo modificado, que precisavam ser livres para ler e interpretar a Bíblia como bem entendessem, sem o controle punitivo da Igreja. (Contudo sabiam ser intransigentes com quem se opusesse a seus ensinamentos: Lutero achava que se devia queimar os livros "heréticos"; Calvino e Zwingli estavam dispostos a matar os dissidentes.) [...] (ARMSTRONG, 2001, p. 62)

Tribunal da Inquisição: a neurose religiosa obsessiva fomentadora da violência

A Idade Média durante anos pelos historiadores foi retratada supostamente como a Idade das Trevas no qual poucas haveria poucos acontecimentos relevantes, por exemplo, no cenário político a Igreja assumiu como a controladora do conhecimento, pois tudo deveria passar pela aprovação do clérigo. Entretanto ao estabelecer-se como a religião oficial do império romano após a anistia dada por Constantino, foi necessária a adaptação cultural ou a prática sincrética da cristandade em adotar elementos da religiosidade de povos considerados pagãos, a fim de, agregá-los a um novo credo que trazia consigo alguns elementos daquela antiga religiosidade, houve uma dessacralização inversa, isto é, os ritos das trevas foram transmigrados para o lado da luz.

Com a romanização fizera que a Igreja se tornasse um Estado temporal opressor mantendo sob o rígido controle ou a domesticação social por meio do credo que manipulava as massas pouco esclarecidas, pois havia o controle do conhecimento teológico. Portanto não se findaram as religiões marginalizadas, como resposta houve primeiro uma luta ideológica por meio da Teologia e foi demonizado o Deus de Chifres destas religiões pré-cristãs, associando com o diabo da literatura judaico-cristã que é o anjo caído que recebe a denominação de Lúcifer ou Lumiel após a queda dos planos celestiais.

Supõe-se que houve uma resistência destas religiosidades antigas em manterem as suas práticas de cultos intactos, por exemplo, aos cultos a natureza, possivelmente aos deuses da fertilidade, algo inadmissível pela tradição da cristandade. A neurose obsessiva tomara diretrizes na adoção da prática coercitiva, para diminuir a influência das religiosidades pagãs de tal forma que houve uma batalha contra as crenças que

supostamente estavam ligadas a práticas da maldade.

A Igreja querendo manter a sua prosperidade terrena necessita de métodos punitivos para manter a domesticação social da classe subalterna, pois em diversos países da Europa Ocidental, a Grande Caça as Bruxas, então em 1484 foi promulgado pelo Papa Inocêncio VIII, a Bula contra os Bruxos.

O período da Era das Fogueiras é a mancha provocada pelo passado nebuloso da Igreja que deixara de ser voltada para a dignidade humana (Igreja Primitiva), a fim de, entregar-se a cobiça desenfreada pelo poder temporal, em uma releitura do judaísmo na mitológica conquista da Terra Prometida foi adotado política de extermínio. Nesta relação de poder no qual a Igreja como detentora da “Santa Verdade” em manter o status quo, estabeleceu uma guerra santa contra as raças indesejáveis (pessoas adeptas ao paganismo), promovendo por meio dos inquisidores uma prática sádica em promover uma política terrorista, contra as raças consideradas impuras, que não seguissem a ideologia imposta eram queimadas vivas nas fogueiras ou eram levadas para serem enforcadas em praça pública.

Com esta autoridade concedida aos juízes pela Bula dos Bruxos, com isso tendo a base legal para o funcionamento do Tribunal da Santa Inquisição, sendo o parâmetro que estruturava o Direito Canônico que funcionava como o Código Penal da época, o qual dava legitimidade jurídica para que fossem cometidos crimes contra a humanidade aos suspeitos feitiçaria, conduzidos a prisões e sob tortura para forçar a confissão da prática criminosa. Está foi à postura fundamentalista mais cruel da história da Europa no qual a religião servira para disseminar o crime de ódio. Conforme Armstrong:

[...] O misticismo e a mitologia ensinaram as pessoas a lidar com o mundo do inconsciente. Talvez não tenha sido por acaso que, numa época em que a fé religiosa começava a abandonar esse tipo de espiritualidade, o subconsciente aflorou sem controle. Tem-se definido a Febre das Bruxas como uma fantasia coletiva de homens, mulheres e inquisidores de toda a cristandade. Acreditava-se que as bruxas tinham relações sexuais com os demônios; que voavam à noite para participar de rituais satânicos e orgias perversas; que adoravam o Diabo numa paródia da missa - uma reversão que podia representar uma ampla rebelião inconsciente contra a fé tradicional. Deus começava a parecer tão distante, estranho e exigente que, para alguns, estava se tornando demoníaco: medos e desejos subconscientes projetavam-se na figura imaginária de Satã, descrito como uma versão monstruosa da humanidade. Até passar a Febre, milhares de indivíduos acusados de bruxaria foram executados na forca ou na fogueira. (ARMSTRONG 2001, p.70)

Com o controle do conhecimento exercido pela Igreja tanto nas esferas teológicas e seculares, serviu como instrumento para manter a organização social estratificada, pois o clero detinha este poder porque eram umas das poucas classes alfabetizadas em meio a uma população desprovida de conhecimento acadêmico. Como fundamentação da prática jurídica deste tribunal o livro o Martelo das Feiticeiras (versão aporuguesada), que fora escrito na cidade de Colônia na Alemanha era o manual jurídico que dava fundamentação legal ao Tribunal da Santa Inquisição.

Nota-se que neste período o racismo era baseado na questão de gênero, nesta época hedionda para os Direitos Humanos, as mulheres foram vítimas de uma releitura de sacrifício ritual, refletindo a prática pagã aos deuses que exigiam sangue humano para aplacarem a sua ira, pois se supõe que a Igreja tornou esta prática permitida pelo seu sistema de sacralidade e ao dizimar estas bruxas a ira do transcendental judaico-cristão concederia a este sistema dominante a credibilidade celestial, como a guardadora dos mandamentos e da Palavra Divina.

Estes agentes estatais (torturadores) acumulavam a função de papel de polícia ao utilizar métodos de tortura para forçar a confissão de prática criminosa com isso submetendo estas vítimas a dores excruciantes. O andamento do processo penal se dava com o depoimento das testemunhas de acusação e alguns destes agentes funcionavam como promotores que tinham a finalidade de levar as provas produzidas de atos de bruxaria para o Tribunal Inquisidor, no qual as mulheres dificilmente escapariam da pena de morte sendo lançadas vivas em fogueiras (a maioria das penas aplicadas), outros métodos da aplicação da pena capital, por exemplo, enforcamento em praças públicas ou afogamentos em lagos com uma pedra sobre o corpo. Segundo Luz:

Dizem a respeito à generalizada perseguição empreendida contra as feiticeiras em vários pontos da Europa. O extermínio das pessoas – em sua vasta maioria mulheres- ligadas à bruxaria foi fortemente intensificado após a publicação do manual Malleus maleficarum (O Martelo das Feiticeiras), escrito em 1487 pelos inquisidores alemães Heinrich Kraemer (1430-1505) e James Sprenger (1435-1495). Os autores justificaram os conteúdos do livro a partir do principal pronunciamento papal a respeito da feitiçaria, a bula Summis desiderantes affectibus, de Inocêncio VIII (1432-1492), expedida em 5 de dezembro de 1484. O texto pontifício reconhece a existência das bruxas e concede permissão aos inquisidores para lançarem mão

de quaisquer meios necessário à sua repressão. O Manual de Kraemer e Sprenger atingiu espantosa notoriedade, sendo reimpresso numerosas vezes durante os 200 anos seguintes. À época de sua publicação, a obra foi rejeitada pela Universidade de Colônia em razão dos princípios antiéticos e outras inconsistências nela contidos. No entanto os autores forjaram uma nota de aprovação da universidade, anexadas em posteriores edições. Embora a Igreja Católica não tenha reconhecido oficialmente a obra, esta exerceu profunda influência sobre o imaginário de inquisidores, juízes seculares, caçadoras de bruxas, sendo por estes utilizadas como manual prático. (LUZ, 2011, p.285)

A Igreja se perdera como foi falado anteriormente na preocupação da dignidade humana, convertendo-se em uma extensão religiosa do império romano, esta decadência do perfil espiritualizado, sofreu grandes influências de outras práticas culturais sobre tudo das tendências filosóficas Greco-romanas. Houve duas criações da imagem de Deus primeiramente Jesus, o Cristo trouxe a idéia de um transcendental amoroso que se preocupava com a humanidade e a segunda vertente na Idade Média era um ser sádico que aprovava as violações dos direitos humanos contra as mulheres, pois estas supostamente abriram a entrada para o mundo terreno de todos os males, em um arquétipo da mitológica Eva com alusão a Pandora que abriu uma caixa trazendo para a humanidade toda a sorte de males.

Tal ideologia está presente no *O Malleus Maleficarum* (O Martelo das feiticeiras) é um manual antifeminista no qual foi associado o arquétipo de Eva (mitologia judaica) e Pandora (mitologia grega) como as mães de todas as desgraças, por esta razão houve a queda do homem da era do ouro que mitologicamente era uma época de plena felicidade, entretanto a corrupção do gênero masculino se deu pela prática da luxúria promovida pela mulher, a fim de, fundamentar estas verdades o Clero apropriou-se de interpretações bíblicas tendenciosas, com isso demonizando a figura feminina.

Na mentalidade sádica e psicótica dos inquisidores a possibilidade de relações sexuais entre o Diabo (figura medieval para manter a dualidade do cristianismo na Idade Média), a fim de adquirirem poderes para se aventurar nas artes mágicas e para a perversão da santidade do homem assim como acontecera o mítico Jardim do Éden, estas como instrumentos de Satã, por meio da sexualidade e de seu corpo serviu como elo para trazer a existência do pecado ao mundo. Toda a sorte de desgraça e a falta de caráter como preconizava nesta época, se dava pela genética da mulher em ter nascido de uma costela

torta do homem, por isso nestas relações social, estas eram consideradas elementos sem valor e pior pecadora do que a figura masculina.

O conhecimento fitoterápico foi limitado pela Igreja como justificativa de que era uma prática recorrendo das religiões pagãs que cultuavam a divinização da natureza, como um elo espiritual entre o homem e o transcendental. A utilização de plantas para combaterem sortilégios segundo os agentes da inquisição serviria como prova cabal para indiciar uma mulher como adepta de artes mágicas, considerada um conhecimento herético. Segundo Conforme Pinsky:

(...) Assim por descendência de Eva, as mulheres não poderiam ser consideradas corretas, uma vez “Eva nasceu de uma costela ‘torta’ de Adão”. No final do século XVI, tal visão se mantinha, associada a crença de que, desde a queda das criaturas do Paraíso, todos os seres humanos com a exceção de Maria, tornaram-se pecadores, sendo as mulheres piores do que os homens. O Malleus inicia-se com a reprodução da Bula do Papa Inocêncio VIII (Summis Desiderantes Affectibus), de 1484, que declara a bruxaria ser uma heresia grave e autoriza os tribunais inquisitoriais a tratar da punição das práticas mágicas. (...) O texto alerta sobre os perigos representados pelas mulheres, além de contribuir mais do que qualquer outra obra, para associar crenças populares com heresia, e identificar as mulheres como o principal instrumento do Diabo, pelas mais variadas desgraças. (...) Segundo os inquisidores, sortilégios, hábitos populares, como a indicação de chás para combater dores e doenças, podiam ser interpretados como indícios de feitiçaria. Quanto a mulher, existiria uma ação diabólica desta e sua natureza sexual, pois a sexualidade “é a porta dos males e as mulheres, as hábeis armas de Satã” (...) (PINSKY, 2013, p.52-53)

Com a romanização desta instituição que determinava a ideologia da religião verdadeira, embora perdesse a sua espiritualidade, mas deixou-se apegar pelas riquezas e bens materiais diferentemente da figura histórica ou religiosa de Jesus que pregava desapego as coisas seculares. A corrupção moral e a falta de ética pelas atitudes destes homens do clérigo com as acusações de feitiçaria serviam como base legal para que a Igreja desapropriasse as riquezas dos infiéis, com isso criando uma organização criminosa que se baseava em práticas corruptas com o comércio de acusações de atos de bruxaria. Como falado anteriormente à sacralidade das práticas pagãs a serviço da Igreja que promovia estes sacrifícios rituais para promover uma limpeza da cristandade, por exemplo, uma prática considerada amaldiçoada, no qual foi reelaborado para o sistema sagrado cristão, a fim de dar legitimidade aquela prática em realizar a limpeza contra a raça degenerada e com isso manter inalterada nas relações de poder. Segundo Luz:

A caça aos praticantes de feitiçaria foi também um negócio altamente lucrativo para as autoridades eclesiásticas e seculares, além de outros indivíduos que participavam das perseguições. As propriedades das vítimas eram confiscadas e distribuídas entre os comerciantes de feitiçarias e suas instituições as cidades pagavam aos caçadores de bruxas – indivíduos que começaram a explorar comercialmente esta atividade- e a remuneração dependiam do número de acusações trazidas.

Assim como aconteceu a milhares de judeus conversos na Espanha, também em relação às supostas bruxas não foram encontradas nenhuma evidência para os crimes das quais eram acusadas. É novamente que o ex-inquisidor Friedrich Von Spee quem o assevera:

Antes, nunca pensei em duvidar que houvesse muitas bruxas no mundo; agora, no entanto, quando examino os registros públicos, acredito que dificilmente haverá uma só bruxa.

A tortura, humilhação, ruína, e morte de tantas vítimas vem justificar a informação dos escritores Baigent e Leigh da Inquisição ter ressuscitado a antiga prática pagã de sacrifícios humanos rituais. (LUZ, 2011, p.287)

A Santa Inquisição deixara uma mácula como legada para a humanidade, servindo como modelo para os regimes totalitários que floresceram no século XX, com a prática em comum é a eugenia das raças que promoviam uma limpeza étnica para se livrar dos indesejáveis, tendo a cristandade entrada em falência espiritual reduzindo seres humanos a párias.

Metodologia

O Método a ser utilizado na fase de Investigação será a análise bibliográfica, porque, para construir a fundamentação teórico-metodológica da pesquisa, tivemos a necessidade de investigar as seguintes sessões: conceituação sobre o fundamentalismo religioso na cristandade, a associação da religião com as relações de poder e outros aspectos teóricos.

Outra parte da pesquisa se constituiu por um trabalho de campo, a fim de buscar a identificação e a descrição produzidas pelo imaginário social e qual a influencia que a postura fundamentalista da cristandade, proporcionaria a estes discentes quanto à religiosidade de matriz africana.

Os participantes desta pesquisa foram um professor de Ensino Religioso e um de História e seus respectivos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, foi feita uma discussão em grupo que somaram 50 alunos. Estas turmas estavam divididas em dois no período matutino, as quais tinham 27 alunos em uma turma e 23 na outra.

Observar-se-á nas aulas de Ensino Religioso a aceitação social de símbolos judaico-cristão e também das religiões orientais sobre tudo do Zen Budismo, como proposta em promover uma escola sem ideologia religiosa como determina a Lei. Entretanto sobre estas vertentes não há uma rejeição social demonstrada pelos alunos, exceto quando as discussões tiveram a ótica voltada para a mitologia africana e aos mencionar sobre esta religiosidade houve alunos dizendo que estava falando sobre os assuntos demoníacos em sala de aula ou outros fazendo orações invocando o poder de Deus para espantar os maus espíritos.

Nas aulas de História nos livros didáticos há uma tendência eurocêntrica, mas ao estudar o Egito Antigo mencionam-se vários aspectos incluindo os religiosos que não causam repulsa. Com a discussão sobre alguns aspectos da cultura negra está sempre ligada a aspectos satânicos segundo o imaginário social, sobre tudo na religiosidade em que há incutido nestes discentes a guerra maniqueísta idealizada pela religião dominante, que define uma fronteira clara entre a religião do bem (a cristandade) e a religião voltada para a prática da maldade (religiões de matrizes africanas).

Resultados

Os resultados obtidos foram por meio das observações de aulas ministradas em turmas do 6º ano do Ensino fundamental de uma escola municipal, a fim de verificar a existência do fundamentalismo religioso e a forma em que se processa nos ambientes escolares, entretanto, houve resistência em receber informações sobre a religiosidade de matrizes africanas.

O resultado foi para buscar como as relações de poder estão inseridas no imaginário social, isto é, uma análise subjetiva do sujeito para manifestar a sua opinião sobre a cultura religiosa africana. Neste jogo ideológico observaram-se problemas fora dos muros escolares, por exemplo, a dificuldade do docente de uma religião da cristandade em mencionar a sacralidade destes símbolos religiosos africanos e outro o eurocentrismo notado nos livros didáticos de História em que retrata o negro de uma maneira tendenciosa.

Considerações finais

De acordo com o que foi discutido houve na história da cristandade um período nebuloso para os Direitos Humanos, tomando como base a historicidade européia no qual fundamenta a visão do mundo ocidental, houve uma perseguição contra as raças consideradas degeneradas, que não se submetiam a uma imposição ideológica no qual se se determinava uma religiosidade verdadeira a ser seguida. A prova da postura fundamentalista religiosa é a perseguição dos credos heréticos no qual foi visto sobre a Era das Fogueiras, portanto, marcava também um racismo baseados nas questões de gênero, porque as mulheres foram às principais vítimas destas execuções.

Este choque realizado ideologicamente entre correntes maniqueístas o qual se opõe o bem (a cristandade) e o mal (as religiões não cristãs) formando um duelo que saiu dos planos espirituais para se adentrar no mundo dos homens, servindo como justificativa para o combate destas heresias, conforme a ótica dominante, isto é, o sistema religioso que detém o poder nestas relações sociais. Servindo como fundamentação da política do ódio a Santa Inquisição deixara como legado negativo para a humanidade, a eliminação e perseguição das raças sociais consideradas inferiorizadas.

Conforme foi visto nas observações em sala de aula este resquício da Santa Inquisição manifestar-se-á atualmente nas relações sociais, o qual define claramente a religião da verdade (cristandade) e a religião da mentira (matrizes africanas), esta ótica vem desde o período da escravatura o qual perseguiu de forma feroz as religiões trazidas pelos escravizados associados à prática da maldade, nota-se que violência na ótica brasileira não é apenas agressão física nas escolas, entretanto encontra-se na violência simbólica que permeia as relações sociais, pois estas religiões fora do eixo cristão e no imaginário social como a suposta prática da maldade.

Dados sobre o autor

Bruno Schwabenland Ramos é concluinte do Curso de Pedagogia pela Faculdade Ateneu, graduado em Teologia no Centro Universitário Claretiano – pós-graduando em relações étnico-raciais pela UFES- e funcionário público efetivo da rede pública de ensino de Vila Velha, Espírito Santo. E-mail para correspondência: bruno_pedagogia@hotmail.com

Referencias bibliográficas

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus.** (Edição compacta) – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CARTER, Jimmy. **Nossos valores em risco: a crise moral dos Estados Unidos.** Tradução e Hilton Felício dos Santos, pesquisa e revisão científica de Thereza Cristina Rocque da Motta. - Barueri, SP: Manole, 2007.

LUZ, Marcelo da. **Onde a religião termina?** - Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2011.

PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime – organização-. **Faces do fanatismo.** 2ª edição – São Paulo: contexto, 2013.

ZILLES, Urbano. **Crer e compreender.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. (Coleção filosofia n° 175).